

Uso de preservativos no sexo oral - Uma Análise Descritiva na Prevenção de IST

Luiz Carlos Santana de Avila¹
Denis Gonçalves Ferreira²

RESUMO

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) ocasionadas pelo não uso do preservativo nas relações sexuais representam um problema de saúde pública em todo o mundo. Mesmo diante desse fato, uma grande parte da população ignora o uso de preservativos, principalmente na prática de sexo oral. Nesse sentido, este estudo teve por objetivo descrever o comportamento sexual de brasileiros, especialmente no que diz respeito ao uso de preservativo durante o sexo oral. Para tanto, foi realizada uma pesquisa descritiva com brasileiros maiores de 18 anos, por meio de questionário disponibilizado virtualmente pelo Google Forms. Foram utilizadas as questões referentes às informações sociodemográficas, às parcerias sexuais e ao uso ou não uso de preservativo nas relações sexuais. A amostra foi selecionada por conveniência a partir da divulgação da pesquisa nas redes sociais Facebook, Instagram e grupos de WhatsApp. Participaram do estudo 291 pessoas, sendo que a maioria era do sexo feminino (64,26%), com idade de 18 a 25 anos (62,90%), brancas (56,00%) e que cursaram ou estavam cursando o ensino superior (80,10%). Dessa população, 89,17% declarou não usar preservativos no sexo oral e 92,78% manifestou aceitação para realizá-lo sem preservativos. O presente estudo evidenciou portanto, que um número significativo de pessoas sexualmente ativas não utiliza preservativos no sexo oral, revelando uma possível negligência à adoção dessa medida que favorece a diminuição dos riscos para o contato com IST.

Palavras-chave: Sexualidade; Comportamento Sexual; Infecções Sexualmente transmissíveis.

¹ Graduando do curso de Biomedicina do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG

² Docente do curso de Medicina do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG

INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) vêm acompanhando a humanidade e sua evolução desde sempre, acometendo pessoas de todas as classes, sexos e religiões, principalmente os jovens. Segundo Nelson e colaboradores (2016), a cada 14 segundos, um jovem entre 15 e 24 anos é infectado pelo HIV e, de todas as novas infecções, cerca da metade ocorre nessa faixa etária.¹

No entanto, sexo e suas variações (oral, vaginal e anal), principalmente sem proteção, é um assunto tratado com reservas por grande parte da sociedade. Ainda existem dificuldades de adesão às práticas preventivas relacionadas às atividades sexuais.. Há também dificuldades como, por exemplo, o acesso a serviços assistenciais, devido à ausência de centros específicos de atendimento às IST em muitas cidades do interior. A vergonha que muitas pessoas têm ao tratar de problemas ligados à sexualidade também pode ser considerada empecilho à procura por esse tipo de atendimento. É papel não só das instituições de saúde e das escolas, como de todos os segmentos sociais esclarecer sobre IST e divulgar os métodos de prevenção. Espera-se que as escolas devem contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova senso de autorresponsabilidade e compromisso para com a sua própria sexualidade. Pesquisas realizadas pelo Ministério da Saúde (2010) indicam que “a escola é considerada por alguns como o espaço de transição entre o mundo da casa e o mundo mais amplo”. O ambiente escolar é um local onde a grande maioria dos adolescentes passa parte de seu dia. Nesse local, os jovens deveriam esclarecer todas as suas dúvidas, conversar e aprender sobre inúmeros temas, inclusive sobre a sexualidade.²

Estudos têm mostrado que o processo de disseminação da epidemia do HIV e seu impacto são diferenciados nas populações, e que identificar e reconhecer as diferenças e especificidades desse processo é imprescindível no planejamento e na implementação de políticas e programas voltados para o atendimento dos grupos mais vulneráveis à exposição a esse vírus.³

Dados divulgados de pesquisa realizada pelo IBGE, relativos a hábitos na vida sexual de adolescentes, indicam que o país falha nas políticas de prevenção e, principalmente, em campanhas de esclarecimento sobre as complicações da AIDS, apesar dos avanços no campo da terapêutica e outras variações de doenças.⁴

O crescente número de pessoas vivendo com HIV obrigou, porém, a sociedade, de uma maneira geral, a quebrar tabus e discutir mais abertamente sobre esse tema. O preservativo é o método mais eficaz para se prevenir contra muitas IST, entre elas o HIV. Até mesmo aqueles que já contraíram o vírus HIV devem continuar usando-o, pois é um método de prevenção contra a coinfeção do vírus ou aumento da sua carga viral, evitando ainda a inoculação no organismo de um vírus já resistente à medicação antirretroviral, o que pode trazer maiores problemas à pessoa já infectada.⁵

Alguns tipos de hepatites, a gonorreia, a clamídia, a sífilis, e o HPV também podem ser prevenidas com o uso de preservativos. O papilomavírus humano (HPV) é o vírus mais transmitido sexualmente e tem grande importância na etiopatogenia do câncer do colo uterino e outros relacionados à boca, laringe, faringe e outros. A prática do sexo oral, juntamente com a variação de parceiros e o não uso de preservativos contribuíram para elevar a transmissão do HPV na mucosa oral.⁶

O preservativo, embora seja reconhecido como o mais acessível e muito seguro método de prevenção contra as IST, pode estar sendo deixado de lado por uma grande parte da população, principalmente na prática de sexo oral. Vale ressaltar a pouca problematização das dificuldades de adesão às práticas preventivas e do acesso aos serviços de assistência. Quer dizer, o discurso preventivo não leva em conta a complexa dinâmica de fatores sociais,

históricos e econômicos envolvidos na adequação e mudança das práticas do cotidiano e, em consequência, aquelas relacionadas à saúde.⁷

Quando se fala em sexo oral e HIV surge a dúvida se o vírus pode ser transmitido durante essa prática. Deve-se afirmar que o risco de transmissão do HIV pela prática do sexo oral é mínimo, porém existe. A prática de sexo oral receptiva apresenta risco 1 a cada 10.000 exposições e, no sexo oral insertivo, 0.5 de risco a cada 10.000 exposições. Levando em consideração os dados nacionais e internacionais, conclui-se que o sexo oral não é 100% inofensivo na presença do vírus HIV e, mesmo sendo baixo o risco de infecção para esta prática, isso deve ser um alerta para todas as pessoas.⁸

E é certo que, mesmo que o risco de transmissão por IST seja menor com a prática do sexo oral, devido à presença da microbiota bucal e da acidez e das reações causadas pela enzima amilase na saliva, o uso de preservativo não deveria ser dispensado, levando em conta esses motivos, pois, pode-se tanto infectar como ser infectado, já que um ferimento na boca ou mesmo a presença de cárie funciona como uma porta de entrada para microrganismos, penetrando rapidamente na corrente sanguínea. O HPV, por exemplo, devido ao aumento da prática de sexo oral, passou a ser mais encontrado na mucosa bucal e este não precisa possuir nenhuma via de entrada na corrente sanguínea, pois apenas o simples contato com a pele, já é o suficiente para contrair o vírus que acomete células específicas da epiderme.⁹

Sabemos que o uso de preservativos envolve uma série de questões, como o acesso a eles e a serviços de saúde que os disponibilizam à população e, também, relaciona-se a um conjunto de valores, cultura, aspectos afetivos e sexuais, entre outros. As práticas preventivas são originadas na experiência social. Assim, a percepção de risco em relação ao HIV será mais claramente percebida se estiver associada à noção de perigo e incerteza compartilhada socialmente pelo indivíduo.¹⁰

É relevante investigar os fatores que fazem com que as pessoas negligenciem o uso de preservativos como método de prevenção contra IST, com o intuito de conhecer os riscos a que esses indivíduos estão expostos e conhecer, também, os comportamentos e a percepção dos mesmos em relação a essa prática. Esse conhecimento poderá contribuir para o planejamento de ações de conscientização e controle de epidemias de IST.

Considerando esses aspectos, a pesquisa teve o intuito de descrever o comportamento sexual de brasileiros, especialmente no que diz respeito ao uso de preservativo durante o sexo oral.

MÉTODOS

Tipo de estudo: Estudo do tipo descritivo que apresenta comportamentos sexuais referentes ao uso ou não uso de preservativo no sexo oral e informações sociodemográficas.

Local do estudo: O estudo foi realizado a partir de questionário confeccionado no Google Forms e divulgado nas redes sociais Facebook, Instagram e grupos de WhatsApp para a população brasileira.

Sujeitos: Brasileiros maiores de 18 anos que aceitaram as condições para participarem do estudo. A amostra foi selecionada por conveniência e composta por pessoas de vários estados do país.

Instrumento de coleta de dados: O instrumento de coleta de dados foi um recorte do questionário utilizado no *Estudo de abrangência nacional de comportamentos, atitudes, práticas e prevalência de HIV, Sífilis e Hepatites B e C entre homens que fazem sexo com homens*¹¹ do Ministério da Saúde. Para este estudo, foram utilizadas as questões referentes às informações sociodemográficas, às parcerias sexuais e ao uso ou não uso de preservativo nas relações sexuais.

Procedimentos: Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética (CAAE: 37958720.0.0000.5692) em Pesquisa, o pesquisador convidou os sujeitos para participarem do estudo por meio das redes sociais. Os sujeitos tomaram ciência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido na primeira página do questionário e, após concordarem com as condições estabelecidas, foi possível começar a responder às questões. Em todo o processo de coleta de dados foi garantida a guarda da identidade dos participantes, assim como o direito à privacidade. Após a coleta das informações, estas foram analisadas por meio de análise descritiva.

Análise de dados: Foram realizadas análises descritivas com frequências gerais e respectivas porcentagens para toda variável coletada. Para além de análises descritivas, foram confeccionadas tabelas com as variáveis sociodemográficas para categorização da amostra.

RESULTADOS

Nesta pesquisa foram analisadas 291 respostas. Os dados apresentados na **tabela 1**, em relação às características sociodemográficas, revelaram que 64,26% eram do sexo feminino e 35,74% do sexo masculino. Em relação às idades dos participantes, se destacam 62,90% com idade entre 18 e 25 anos, 24,70% com idade entre 26 e 35 anos, 9,30% de 36 a 45 anos e 3,10% tem mais de 46 anos. Quanto à raça, a maioria delas se autodeclarou branca (56,00%) em contrapartida a 34,70% que se disseram pardas e 7,20% pretas. Destes entrevistados, 19,90% concluíram o Ensino Médio, já 53,30% possuem Graduação e 26,80% Pós-Graduação. A pesquisa revelou também que 69,50% são solteiros, 15,10% casados e 11,00% em união estável. Quando questionados sobre a orientação sexual, 65,29% se declararam heterossexuais, 21,99% homossexuais e 12,37% bissexuais. Os participantes dessa pesquisa são, em sua maioria, do Estado de Mato Grosso 79,38%, seguidos de 11,00% de São Paulo e 9,62% de outros estados. Considerando a renda monetária, 27,20% tem a renda inferior a um salário-mínimo, 23,70% recebem de 1 a 2 salários, 15,50% de 2 a 3, 5,80% de 3 a 4, 5,80% de 4 a 5 e 22,00% mais de 5 salários-mínimos.

Tabela 1. Características sociodemográficas de uma amostra de 291 participantes do estudo sobre uso de preservativo no sexo oral, 2020.

Caracterização sociodemográfica	N	%
Sexo		
Masculino	104	35,74
Feminino	187	64,26
Idade		
18 e 25 anos	183	62,90
26 e 35 anos	72	24,70
36 e 45 anos	27	9,30
Mais de 46	9	3,10
Raça		
Branca	163	56,00
Parda	101	34,70
Preta	21	7,20
Outros	6	2,10
Escolaridade		
Ensino Médio	58	19,90

Graduação	155	53,30
Pós-graduação	78	26,80
Estado civil		
Solteiro(a)	202	69,50
Casado(a)	44	15,10
União estável	32	11,00
Outros	13	4,40
Orientação sexual		
Heterossexual	190	65,29
Homossexual	64	21,99
Bissexual	36	12,37
Outros	1	0,35
Estados		
Mato Grosso	231	79,38
São Paulo	32	11,00
Outros	28	9,62
Renda em salários mínimos		
menos de 1	79	27,20
De 1 a 2	69	23,70
De 2 a 3	45	15,50
De 3 a 4	17	5,80
De 4 a 5	17	5,80
Mais de 5	64	22,00

Na segunda tabela (**tabela 2**), dados sobre o comportamento sexual dos entrevistados revelaram que 94,85% dos entrevistados têm vida sexual ativa e apenas 5,15% não têm. Quanto à frequência com que praticam atividade sexual, 29,71% a praticam apenas uma vez por mês, 26,09% de duas a três vezes por semana, 25,00%, uma vez por semana, 9,06% de quatro a cinco vezes por semana, 7,97% uma vez por ano apenas e 2,17% de seis a sete vezes semanais. A pesquisa mostrou também que a quantidade de pessoas que mantêm sempre a mesma parceria é maior: 68,84% contra 31,16% das que costumam variar de parceiros em seus relacionamentos sexuais. Em relação aos tipos de práticas sexuais, foi permitido aos entrevistados marcarem mais de uma opção. Dessa forma, 94,20% revelaram praticar sexo oral, 76,90% sexo vaginal, seguidos de 45,29% que praticam sexo anal. Relataram também que nos últimos seis meses 60,10% tiveram apenas um parceiro sexual, 34,80% tiveram mais de um e 5,10% não tiveram parceiros neste período. Nesses seis meses também, 67,40% usaram álcool e/ou outras drogas durante o sexo contra 32,60% que não usaram.

Tabela 2. Comportamento sexual de uma amostra de 276 participantes do estudo sobre uso de preservativo no sexo oral, 2020.

Comportamento sexual	N	%
Vida sexualmente ativa		
Sim	276	94,85
Não	15	5,15
Frequência de práticas sexuais		

1 vez por ano	22	7,97
1 vez por mês	82	29,71
1 vez por semana	69	25,00
2 a 3 vezes por semana	72	26,09
4 a 5 vezes por semana	25	9,06
6 a 7 vezes por semana	6	2,17
Mesma parceria sexual		
Sim	190	68,84
Não	86	31,16
Práticas sexuais*		
Oral	260	94,20
Vaginal	210	76,09
Anal	125	45,29
Número de parceiros (as) sexuais (6m)		
Um(a)	166	60,10
Mais de 1	95	34,80
Sem parcerias	14	5,10
Uso de álcool e/ou outras drogas durante o sexo (6m)		
Sim	186	67,40
Não	90	32,60

(*) Admitiu-se assinalar mais de uma resposta.

Os dados apresentados na terceira tabela (**tabela 3**) revelam que na prática de sexo anal e/ou vaginal o uso de preservativos é de 70,34%, sendo que 29,66% dos que realizam essa prática sexual não fazem uso deles. O tipo de preservativo mais usado é o masculino (64,86%). 1,81% declararam usar somente o feminino, 0,72% usam masculino e feminino e 32,61% não utilizam preservativos nunca. No sexo oral, a maioria (89,17%) revelou não usar nenhum tipo de preservativo, contra apenas 10,83% que fazem uso deles. Quando se trata de parcerias fixas no sexo oral, 90,44% não usam e 9,56% usam. Já com parcerias casuais, o número revelado é: 76,00% não usam e 24,00% usam. Em se tratando de parcerias comerciais, 76,36% afirmaram não usar preservativos em suas relações sexuais orais e 23,63% os usam. Quando questionados se aceitariam fazer sexo vaginal e/ou anal sem preservativos, 50,90% responderam que sim e 45,70% responderam que não. Já o índice de aceitação para a realização de sexo oral sem preservativos foi bem maior: 92,78% disseram sim contra apenas 7,22% que disseram não. Também lhes foi perguntado em que situações aceitariam fazer sexo sem preservativo. Os resultados foram: 74,23% com o namorado(a), 75,95% com o esposo(a), 53,26% se confiassem no parceiro(a), 28,18% se pensassem que não há risco de transmissão de doenças, 13,75% se não tivessem preservativo disponível, 7,90% se o esperma não fosse dentro, 7,90% quando estiverem sob efeito de drogas ou de álcool, 6,53% se o parceiro(a) for bonito(a), 6,19% se o parceiro(a) for educado(a), 4,12%, se o parceiro for jovem, 0,69% se fosse um cliente fixo, 0,69% se o parceiro(a) for casado(a).

Tabela 3. Uso de preservativos entre 276 participantes, 2020.

Uso ou não uso de preservativos	N	%
Uso de preservativos no sexo anal e/ou vaginal		
Sim	166	70,34
Não	70	29,66

Tipos de preservativo		
Apenas masculino	179	64,86
Apenas feminino	5	1,81
Masculino e feminino	2	0,72
Não utilizo	90	32,61
Uso de preservativo no sexo oral		
Sim	29	10,83
Não	239	89,17
Uso de preservativo no sexo oral com parcerias fixas		
Sim	26	9,56
Não	246	90,44
Uso de preservativo no sexo oral com parcerias casuais		
Sim	36	24,00
Não	114	76,00
Uso de preservativo no sexo oral com parcerias comerciais		
Sim	13	23,63
Não	42	76,36
Aceitação para fazer sexo vaginal e/ou anal sem preservativo		
Sim	148	50,90
Não	133	45,70
Aceitação para fazer sexo oral sem preservativo		
Sim	270	92,78
Não	21	7,22
Situações em que aceitaria fazer sexo sem preservativo*		
Com meu namorado(a)	216	74,23
Com meu esposo(a)	221	75,95
Se confiasse no parceiro(a)	155	53,26
Se pensasse que não há risco de transmissão de doenças	82	28,18
Se não tivesse preservativo disponível	40	13,75
Se o esperma não fosse dentro	23	7,90
Quando estiver sob efeito de drogas ou de álcool	23	7,90
Se o parceiro(a) for bonito(a)	19	6,53
Se o parceiro(a) for educado(a)	18	6,19
Se o parceiro(a) for jovem	12	4,12
Se fosse cliente fixo	2	0,69
Se o parceiro(a) for casado(a)	2	0,69

(*) Admitiu-se assinalar mais de uma resposta.

DISCUSSÃO

O presente estudo constatou que a maioria das pessoas entrevistadas são jovens entre 18 e 25 anos, solteiros e não utilizam preservativos nas práticas sexuais, principalmente no sexo oral. Segundo um estudo publicado na revista de Saúde Pública em 2008, a prática de sexo oral mostra-se mais difundida entre mulheres e homens solteiros.¹² Se considerarmos que um número significativo dos participantes se declararam solteiros, e quase a terça parte se declararam sem parceiros fixos, pode-se inferir que as chances de contato com as IST entre a amostra estudada pode ser elevado.

Também foi constatado que a maior parte dos entrevistados possui escolaridade de nível superior, o que pode ter oportunizado a eles um maior contato ao conhecimento em relação às IST. De acordo com Miranda e colaboradores (2013), evidenciou-se que a maior escolaridade também agrega maior preocupação em se infectar com alguma IST.¹³ Espera-se que pessoas com nível de escolaridade elevado tenham mais conhecimento dos riscos de se praticar atividade sexual sem segurança e consciência da necessidade da prevenção para se evitar a propagação das IST. O nível de escolaridade deveria influenciar significativamente na realização das práticas preventivas. Este estudo, porém, mostrou que o nível de instrução não se mostrou requisito para o uso consciente de preservativos.

Ter vários parceiros sexuais é um comportamento comum nos tempos atuais e isso também foi demonstrado neste estudo, no qual uma parte dos entrevistados declarou não ter relações sexuais sempre com o mesmo parceiro. Isso associado à baixa adesão ao uso de preservativos constatada nos resultados, podem propiciar certos riscos à saúde. Segundo Soster e Castro (2018), quanto maior é a busca de sensações sexuais, maior é a percepção da satisfação e menor é a percepção dos riscos, prejuízos psicológicos e sociais do sexo casual.¹⁴ Um estudo sobre o uso de Camisinha no Brasil, realizado entre 2007-2011, cita que o uso correto de preservativos nas relações sexuais pode interromper a cadeia de transmissão das IST.¹⁵ O contexto da variabilidade de parceiros, evidenciado na pesquisa, não representa um fator de risco para se contrair IST, desde que haja uma compreensão dos riscos e se adote medidas de prevenção. Apesar das informações divulgadas na sociedade sobre a importância do uso dos preservativos nas práticas sexuais, nem todos aderiram ainda ao seu uso, como demonstra este estudo.

Outro dado também constatado acerca do uso de preservativos é a mínima adesão ao uso do preservativo feminino, que é uma outra forma de prevenção. Em uma pesquisa intitulada "*Preservativo feminino: dificuldades de adaptação e estratégias para facilitar o uso rotineiro*" os autores citam alguns possíveis entraves à utilização deste método, entre eles sua aparência, descrita algumas vezes como grotesca; a restrita divulgação; o preço elevado, que dificulta a aquisição; bem como o desconhecimento que muitas mulheres mantêm acerca de aspectos anatômicos e funcionais do próprio organismo e a dificuldade em tocar no próprio corpo.¹⁶ Oliveira e Wieszorkiewicz (2010) destacam, também, como fator principal, o medo de desagradar o parceiro sugerindo um novo meio de prevenção.¹⁷ O preservativo feminino é uma forma de ampliar as possibilidades de prevenção, pois permite às mulheres mais uma alternativa para sua proteção, quando o parceiro se recusa a usar o preservativo masculino, por exemplo.

Os dados levantados, neste estudo, trazem à tona um costume presente nos relacionamentos entre casados, namorados e "ficantes fixos", cuja tendência nas suas práticas sexuais é a não utilização de preservativos, levados por uma possível crença de que, pelo fato de não existirem outros parceiros casuais envolvidos na relação, isso não poderia representar riscos à saúde. Mais de 70% dos entrevistados assumiram que aceitariam fazer sexo sem preservativos com seus namorados(as) ou esposo(as) e, ainda, metade dessa população

questionada aceitaria praticar sexo sem preservativo, se confiasse no parceiro. Uma pesquisa referente às representações sociais de mulheres com parceiro fixo sobre sexualidade e prevenção à AIDS (2004) demonstrou que essas mulheres mostraram-se conhecedoras das IST e informadas a respeito de práticas preventivas, não apresentando, porém, o uso de proteção no seu relacionamento conjugal em virtude de um sentimento de segurança no casamento e da confiança no parceiro.¹⁸ É ignorada, neste caso, a possibilidade de um dos parceiros ter adquirido alguma infecção de relacionamentos anteriores e que este, possivelmente, se encontre em período conhecido como assintomático. Relacionamentos extraconjugais sem os cuidados de prevenção necessários podem apresentar sérios riscos, pois a ideia de um relacionamento fixo, para a maioria da população, parte da conduta de monogamia, ou seja, da fidelidade na relação e a confiança no outro pode acarretar ou não o uso de preservativos, podendo trazer, assim, uma infecção para o parceiro.¹⁹

Em se tratando, especificamente, de sexo oral, quase a totalidade dos questionados assumiu praticá-lo, porém pouquíssimos declararam usar sempre preservativo para esta atividade, um número preocupante diante da importância dessa forma de prevenção contra as IST orais, principalmente HPV, gonorréia e clamídia. Um artigo publicado pelos autores Antunez e Mathias (2013), mostrou que a prática sexual oral pode ser considerada uma prática de risco e pode expor as pessoas a uma série de infecções transmitidas pelo sexo, inclusive ao vírus HIV,²⁰ pois contatos de estímulos com a boca no órgão genital infectado podem levar ao contágio de inúmeras dessas infecções. Além disso, cortes abertos na boca, úlceras, machucados, garganta inflamada e doenças nas gengivas se tornam porta de entrada para o vírus HIV.²¹ Estes riscos se tornam ainda maiores quando a pessoa infectada já é portadora de uma doença autoimune, favorecendo ainda mais a aquisição de novas infecções. Apesar das informações sobre as IST circularem livremente, por causa das redes sociais, os entrevistados deste estudo não pareceram preocupados em prevenir-se.

Outra importante preocupação em relação à prática de sexo oral sem preservativos é que a infecção pelo HPV pode resultar em câncer de boca, laringe, faringe e outros.²² O HPV é um vírus que pode ser transmitido por relações sexuais sem proteção e infectar pele ou mucosas, como boca, vulva, vagina, colo de útero e pênis. É responsável por 99,70% dos casos de câncer de colo de útero.²³ Este vírus também aumenta o risco de câncer para a região da cabeça e pescoço, boca e orofaringe (região posterior da língua).²⁴ Segundo constatou uma pesquisa da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC), 59% dos brasileiros não usam preservativos como medida de prevenção à doença. Ainda, de acordo com a pesquisa, a relação entre o sexo desprotegido e câncer também não é conhecida pelos brasileiros: entre os 1500 entrevistados, quase 30% não imaginam que usar preservativos pode reduzir o risco de desenvolver câncer.²⁵ Em 2013, quando o ator americano Michael Douglas declarou em uma entrevista concedida ao jornal britânico "The Guardian" que seu câncer de garganta fora causado pela prática de sexo oral, isto causou alvoroço na mídia mundial.²⁶ A repercussão de suas declarações não foi por causa do sexo em si, mas devido ao medo de muitos diante da possibilidade de contrair um câncer provocado pela prática de sexo oral. A falta de cuidado com a própria saúde ou o desconhecimento de possíveis riscos de contrair doenças fica

implícito neste estudo, uma vez que a maioria não utiliza preservativos nas relações de sexo oral, nem mesmo quando as mesmas se dão com parceiros casuais ou comerciais.

Outra constatação deste trabalho são os riscos do não uso de preservativos nas práticas sexuais associado ao consumo de álcool e/ou outras drogas. Uma grande parte dos entrevistados revelou usá-los durante o ato sexual. De acordo com uma revisão de literatura realizada por Cardoso, Malbergier e Figueiredo (2008), chegou-se à conclusão de que o uso de álcool associado ao comportamento sexual é um fator de risco para a transmissão das IST/HIV/Aids, visto que, quando ingerido antes ou durante o ato sexual, favorece a prática sem preservativo. O local em que se consome a bebida, antes ou durante o ato sexual, e a quantidade ingerida parecem ser fatores preponderantes na manutenção dessa associação.²⁷ Esse número alto de pessoas que utilizam álcool e/ou drogas nas práticas sexuais, mostrado neste estudo, pode se dar à crença de que o consumo deles favorece um desempenho sexual desejável, diminuindo ansiedade e inibição e, conseqüentemente, aumentando o prazer. Com parceiros casuais ou comerciais, a falta de envolvimento íntimo e afetivo também pode ser amenizada pelo consumo de álcool e/ou drogas. Estes fatores vêm atrapalhando o uso consciente do preservativo na hora do ato sexual, pois as drogas podem afetar o poder de julgamento e o discernimento das pessoas, ampliando a exposição a riscos.

Campanhas de prevenção, apesar de serem esporádicas, têm buscado despertar na população a reflexão sobre a necessidade de aumentar o consumo de preservativos para o combate às IST. Um exemplo disto é o Dia Mundial de Combate à AIDS, celebrado no dia 1º de dezembro, servindo para alertar e conscientizar as pessoas. As informações sobre os modos de transmissão e de prevenção do HIV têm sido o enfoque central dos programas de prevenção à AIDS e promoção da saúde, tanto no Brasil como em outros países. O pressuposto embutido nessas ações é o de que, ao receberem as informações, as pessoas respondam com escolhas racionais e igualmente objetivas, o que tende a resultar em mudanças de comportamento e redução dos riscos de infecção pelo HIV.²⁸ Mesmo assim, parece que essas campanhas não têm surtido efeito, como evidencia este estudo que mostra um número pequeno de adeptos ao uso de preservativos em geral. Além disso, é ínfimo o enfoque dado nessas campanhas à necessidade de uso de preservativo na prática de sexo oral. Mesmo que se reconheça que a prática do sexo oral pode transmitir IST, se tem priorizado a prevenção dessas infecções nas práticas de sexo vaginal e anal e isto pode gerar dúvidas na população sobre a necessidade do uso ou não de preservativos no sexo oral.

Ademais é importante considerar que se trata de um estudo descritivo que não tem potencial de representatividade da população brasileira, além do mais, sabe-se que o uso ou não de preservativo está associado a uma série de fatores pessoais, sociais, econômicos e nosso objetivo não é reforçar estigmas associados às práticas sexuais. Nossos resultados mais levantam hipóteses sobre o uso de preservativo na prática do sexo oral do que conclusões sobre. Consideramos, a partir disto, que estudos com amostras representativas possam ser realizadas, além das campanhas educacionais já mencionadas anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidencia que entre os participantes há um número significativo de pessoas sexualmente ativas que não têm a prática rotineira de fazer uso de preservativos no sexo oral, revelando uma possível falta de conhecimento ou até mesmo negligência à adoção de medidas que favorecem a diminuição dos riscos de se contrair IST.

É importante que haja campanhas de esclarecimento e conscientização da população para estimular o uso de preservativos, incluindo com mais destaque, o uso deles no sexo oral, uma vez comprovados riscos, conforme as literaturas citadas na discussão.

O papel das instituições de ensino, neste processo, também é fundamental, promovendo debates sobre condutas preventivas e os obstáculos que dificultam a prevenção. A promoção da saúde e o respeito ao outro vinculam-se à valorização da vida como conteúdos importantes a serem trabalhados.

REFERÊNCIAS

1. Nelson ARC, Silva RAR da, Duarte FH da S, Prado NC da C, Costa DAR da S, Holanda JRR, et al. **Conhecimento de estudantes adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação às DST/HIV/AIDS.** Rev Pesqui Cuid é Fundam Online. 2016 Oct 4 [cited 2017 Apr 20];8(4):5054. Available from: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3634>
2. Costa T dos S da, Capeletti CP, Mello ML, Vieira PR, Brum MD, Krabbe EC, et al. **Sexualidade, práticas sexuais e vulnerabilidades para as infecções sexualmente transmissíveis (IST).** Rev Interdiscip ENSINO, Pesquisa e extensão [Internet]. 2017 [cited 2017 Apr 20];4(1). Available from: http://revista.eletronica.unicruz.edu.br/index.php/eletronica/article/view/4387/pdf_74
3. Garcia S, Souza FM de. **Vulnerabilidades ao HIV/aids no Contexto Brasileiro: iniquidades de gênero, raça e geração.** Saúde e Soc [Internet]. Saúde e Sociedade; 2010 Dec [cited 2017 Apr 20];19:9–20. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902010000600003&lng=pt&nrm=iso&tlng=en
4. O Globo. **Negligência na prevenção compromete combate a DST.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/negligencia-na-prevencao-compromete-combate-dsts-20014119#ixz44i1D2bUvl>. Acesso em: 20 jun. 2020.
5. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais, **Por que usar a camisinha.** Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/por-que-usar>. Acesso em: 10 fev. 2017.
6. Castro TMPG, R. Neto CE, Scala KA, Scala WA. **Manifestações orais associada ao papilomavírus humano (hvp) conceitos atuais: revisão bibliográfica.** Rev Bras Otorrinolaringol [Internet]. SBORL; 2004 Aug [cited 2017 Apr 20];70(4):546–50. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-72992004000400017&lng=pt&nrm=iso&tlng=en

7. Monteiro S. SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros Parte V - **Perspectivas sócio-históricas na saúde: concepções sobre prevenção.** [cited 2017 Apr 20]; Available from: <http://books.scielo.org/id/d5t55/pdf/goldenberg-9788575412510-17.pdf>
8. Hille Filipe – Marzola Clóvis. **Sexo Oral e sua relação no processo Saúde e Doença – Mitos e Verdades sobre sua Prática.** Available from: http://revista.actiradentes.com.br/trabalhos/Revista_ATO_V15N12_2015_12_20151130221630.pdf
9. Castro TMPG, R. Neto CE, Scala KA, Scala WA. **Manifestações orais associada ao papilomavírus humano (hpv) conceitos atuais: revisão bibliográfica.** Rev Bras Otorrinolaringol [Internet]. SBORL; 2004 Aug [cited 2017 Apr 20];70(4):546–50. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-72992004000400017&lng=pt&nrm=iso&tlng=en
10. Monteiro S. SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros Parte V -**Perspectivas sócio-históricas na saúde: concepções sobre prevenção.** [cited 2017 Apr 20]; Available from: <http://books.scielo.org/id/d5t55/pdf/goldenberg-9788575412510-17.pdf>
11. Kendal C, Kerr L, Mota RS, Guimarães MDC, Leal AF, Hamann EM, Dourado I, Veras MA, Brito AM, Pontes AK, Castro ARCM, Macena RHM, Knauth D, Lima LNGC, Oliveira LC, Cavalcante S, Camillo AC, Bermudez XPD, Moreira RC, Benzaken AS, Pereira G, Pascom ARP, Pimenta C, Johnston LG. **Inquérito sobre o HIV entre HSH no Brasil em 2016 usando respondent-driven sampling (RDS): descrição dos métodos e dos diagnósticos do RDS, Brasil 2019.** Rev. bras. epidemiol. vol.22 São Paulo 2019 Epub Mar 14, 2019. Available from: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2019000100406
12. Barbosa RM, Koyama MAH. **Comportamento e práticas sexuais de homens e mulheres, Brasil 1998 e 2005.** Rev. Saúde Pública, São Paulo , v. 42, supl. 1, p. 21-33, June 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000800005&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Nov. 2020.
13. Miranda AE et al . **Associação de conhecimento sobre DST e grau de escolaridade entre conscritos em alistamento ao Exército Brasileiro.** Brasil, 2007. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 18, n. 2, p. 489-497, Feb. 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000200020&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Nov. 2020.
14. Soster AP, Castro EK. **Sexo casual: autoestima e busca de sensações sexuais em universitárias.** Psic., Saúde & Doenças, Lisboa , v. 19, n. 1, p. 18-25, abr. 2018 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862018000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 nov. 2020.
15. Pinheiro TF, Calazans GJ, Ayres JRCM. **Uso de Camisinha no Brasil: Um Olhar sobre a Produção Acadêmica Acerca da Prevenção de HIV/Aids (2007-2011).** Temas em Psicologia – 2013, Vol. 21, nº 3, 815-836.
16. Costa JES, Silva CD, Gomes VLO, Fonseca AD, Ferreira DA. **Preservativo feminino: dificuldades de adaptação e estratégias para facilitar o uso rotineiro.** Rev enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2014 mar/abr; 22(2):163-8.
17. Oliveira JCP, Wieszorkiewicz, AM. **O conhecimento das mulheres sobre o uso do preservativo feminino.** Ágora : Revista de divulgação científica, 17(1), p. 79-84. Disponível em: <<http://www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/view/52>>. Acesso em 11 nov. 2020.

18. Giacomozzi AI, Camargo BV. **Eu confio no meu marido: estudo da representação social de mulheres com parceiro fixo sobre prevenção da AIDS.** *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 31-44, jun. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872004000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 nov. 2020.
19. Perez TS, Palma YA. **Amar amores: o poliamor na contemporaneidade.** *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 30, e165759, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100208&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 de novembro de 2020. Epub, 7 de junho de 2018.
20. Antunez MEM, Mathias CRJC. **Saúde oral e doenças sexualmente transmissíveis.** *Revista Adolesc. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 78-79, abril 2013.
21. Brasil. Ministério da Saúde. **Cuidados com sexo oral evitam contrair doenças.** Disponível em: <http://www.aids.gov.br/noticia/cuidados-com-sexo-oral-evitam-contrair-doencas>. Acesso em: 21 ago. 2020.
22. Simonato LE, Miyahara GI. **O Papel do Papilomavírus Humano na Carcinogênese Bucal.** *Revista Brasileira de Cancerologia* 2007; 53(4): 471-476. Disponível em: https://rbc.inca.gov.br/site/arquivos/n_53/v04/pdf/revisao4.pdf
23. Souto R, Falhari JPB, Cruz AD. **O Papilomavírus Humano: um fator relacionado com a formação de neoplasias.** *Revista Brasileira de Cancerologia* 2005; 51(2): 155-160. Disponível em: https://rbc.inca.gov.br/site/arquivos/n_51/v02/pdf/revisao2.pdf.
24. Menezes FDS, Latorre MDRDO, Conceição GMS, Curado MP, Antunes JLF, Toporcov TN. **The emerging risk of oropharyngeal and oral cavity cancer in HPV-related subsites in young people in Brazil.** *PLoS One.* 2020;15(5):e0232871. Published 2020 May 14. doi:10.1371/journal.pone.0232871
25. Brasil. SBOC - Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica. **59% dos brasileiros não usam preservativos como medida de prevenção ao câncer.** Disponível em: <https://www.s boc.org.br/noticias/item/1168-59-dos-brasileiros-nao-usam-preservativos-como-medida-de-prevencao-ao-cancer>.
26. Brasil. G1. **Michael Douglas diz que sexo oral provocou câncer de garganta.** Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/06/michael-douglas-diz-que-sexo-oral-provocou-cancer-de-garganta-hpv.html#:~:text=V%C3%ADrus%20HPV%20%C3%A9%20a%20origem,jornal%20ingl%C3%AAs%20'The%20Guardian'.&text=O%20ator%20americano%20Michael%20Douglas,foi%20provocada%20pelo%20sexo%20oral>. Acesso em: 21 ago. 2020.
27. Cardoso LRD, Malbergier A, Figueiredo TFB. **O consumo de álcool como fator de risco para transmissão de DSTs / HIV / Aids.** *Rev. psiquiatr. Clin.*, São Paulo, v. 35, supl. 1, pág. 70-75, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832008000700015&lng=en&nrm=iso>. acesso em 11 de novembro de 2020.
28. Oliveira SHS, Barroso MGT, Soares MJGO. **Comunicação de massa e sua interface com as políticas públicas de prevenção à Aids em adolescentes.** *DST – J bras Doenças Sex Transm* 18(3): 178-184, 2006. Disponível em: <http://www.dst.uff.br/revista18-3-2006/CAMPANHAS%20DE%20COMUNICACAO%20DE%20M ASSA%20E%20SUA%20INTERFACE.pdf>. Acesso em 11 nov. 2020.

